Revista Espaço Acadêmico - Nº 109 - Junho de 2010
ANO X - ISSN 1519-6186

**resenha**
SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009 (483p.)

# A principal questão sociológica do Brasil

**Carlos Sávio Teixeira***

Fato recorrente a cada período eleitoral no Brasil, os quatro pré-candidadtos à Presidência da República já fizeram as protocolares declarações a favor do combate à exclusão social. E cada um esforçando-se por parecer o mais preocupado com o "social". Por suspeitar que nossos pré-candidatos compartilham da ignorância generalizada do país sobre o seu principal problema, não tenho dúvidas que a leitura do livro "A Ralé Brasileira" é exercício indispensável a todos eles. O argumento principal do livro do sociólogo Jessé Souza é o de que a singularidade do Brasil contemporâneo e o seu desafio político central não é o jeitinho brasileiro – que pressupõe uma compreensão anacrônica do Brasil como uma sociedade pré-moderna baseada em relações pessoais, cuja contrapartida institucional é o patrimonialismo e a corrupção – mas a reprodução histórica de uma classe social de desclassificados sociais que perfaz 1/3 da população brasileira. Essa classe é "moderna" e não mera continuidade de um passado distante, porque o que a faz destituída, oprimida e humilhada é a ausência de recursos como o capital econômico e o capital cultural.

A tese desse grande estudo, candidato a clássico de nossa ciência social, é a de que as classes sociais – indivíduos que compartilham de uma origem e de um destino comum – não são perceptíveis enquanto tais no senso comum. O "economicismo" liberal dominante, que reproduz o reducionismo marxista (classe como lugar na produção econômica), ao associar desigualdade social ao nível de renda econômica, esconde todos os fatores emocionais, morais e afetivos que constroem as diferenças sociais, das quais um dos efeitos – e não a causa – é a renda diferencial. Nesse livro, ao contrário, as classes sociais se constroem através de heranças familiares emocionais e afetivas – que passam de pais para filhos por meio de sinais na sua maior parte invisíveis posto que transmitidos no universo "privado" familiar – que criam classes de "vencedores" (a classe alta que detém prioritariamente capital econômico e a classe média que detém prioritariamente capital cultural) de um lado, e classes de "perdedores", como a classe chamada no livro provocativamente de "ralé", de outro. Afinal, é a existência de pressupostos como disciplina, autocontrole e capacidade de concentração (valores incorporados diferencialmente que o senso comum imagina serem "universais") que decidirá sobre o sucesso tanto na escola quanto no mercado de trabalho mais tarde.

A pesquisa empírica que sustenta o livro, realizada ao longo de quatro anos pretendeu mostrar o drama existencial e social dos tipos sociais mais representativos da "ralé" de "fracassados" ao surpreendê-los enquanto formação de uma classe de perdedores vítimas do abandono político

da sociedade e dos governos. Como o abandono social e político não é percebido – por razões que o livro explica – o sentimento de impotência é tornado "culpa" individual – permitindo quebrar a fonte de toda resistência política – e substituído por "auto-legitimações" que impedem toda crítica social e toda autocrítica individual, o que possibilita reconstruir toda a trama da reprodução continuada do abandono como o vemos hoje. Chegar a esse universo recôndito, que explica como o dominado internaliza cotidianamente a dominação e o torna vítima passiva de seus efeitos, foi o ponto principal do trabalho. Como aqui a pesquisa meramente quantitativa – muito útil para descobrir sem problemas o candidato em que se quer votar ou o sabonete que se quer usar – ajuda muito pouco, o livro faz uso inovador do método qualitativo desenvolvido por especialistas em pesquisas internacionais.

O esforço de acompanhar a trajetória social dos principais tipos sociais da "ralé" como empregada doméstica, catadores de lixo, traficantes de drogas, prostitutas, trabalhadores braçais desqualificados, mostra, sem anestesia, que todos esses tipos perfazem uma origem e um destino comum apesar da eventual multiplicidade de destinos individuais. Como a percepção dessa classe social na mídia, no governo e na academia brasileira é fragmentária – fala-se de violência pública, insegurança, assistencialismo, analfabetismo funcional, má formação de mão de obra etc., como se não houvesse um vínculo interno ligando todas essas questões a um núcleo social comum – mostrar essa origem e esse destino comuns representa compreender problemas sociais e seus desafios de outro modo, possibilitando o nosso debate público sair da adolescência.

Nesse sentido, o livro também critica o caráter unificador e escamoteador de conflitos de um mito nacional que logrou inclusive ser o fundamento da ciência social dominante do Brasil moderno e de sua influência sobre os nossos principais partidos políticos como o PSDB e o PT. Assim, tanto as teorias liberais quanto as abordagens politicamente corretas são criticadas por compartilharem de uma mesma visão anacrônica e conservadora do Brasil contemporâneo cujo leitmotiv é o desconhecimento do mundo de classes como a "ralé". Assim, perceber a "ralé" como "ralé", ou seja, como conjunto de famílias e de indivíduos assolados pela desestruturação familiar, pela naturalização do abuso sexual em todos os níveis, pela não incorporação sistemática dos pressupostos do trabalho produtivo moderno altamente especializado, pelo uso instrumental de todos contra todos, pode ter um efeito crítico, de conhecimento daquilo que todos evitamos saber, extraordinário. Portanto, a leitura de um trabalho com este compõe instrumento indispensável para iniciar a elevação do debate público no país ao tratar sem rodeios de nosso maior problema – a chocante desigualdade social que criou entre nós duas classes de pessoas, as que são consideradas como tal e as que não são – e pôr fim às ilusões que caracterizam a formulação de muitas de nossas políticas públicas.

* **CARLOS SÁVIO TEIXEIRA** é Doutor em Ciência Política pela USP e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFF